

coleção
[a escolha
é minha]

Margarida Fonseca Santos

SEM Rede



 fábula

*Aos queridos alunos da EBI de Colares,
que me encantaram.
E ao fantástico grupo de PCA do Agrupamento
Prof. Fernando Lucena, na Malveira, que tão bem
entendeu esta coleção.*

I learned that courage was not the absence of fear,
but the triumph over it.
The brave man is not he who does not feel afraid,
but he who conquers that fear.

Nelson Mandela

1



Bem me parecia! Afinal, tinha razão e fui mesmo estúpido em cair na esparrela dos professores e dos meus pais. Foram mesmo convincentes! «É uma ideia genial, Ricardo, vais adorar!» E eu acreditei; pudera, é a minha mãe. «Repara, filho, é uma oportunidade excelente para viver mais o campo», disse-me o meu pai, e pareceu-me que até era muito capaz de ser muito bem esgalhado. Agora, tudo estragado!

Passo a explicar. A nossa turma foi dividida em três grupos, de oito alunos, acompanhados por dois professores, cada. Até aqui, tudo bem.

Mas ao chegarmos ao ponto de encontro de onde partiríamos para a tal oportunidade genial que íamos adorar, encontrámos três carrinhas pequenas, com dez ou doze lugares cada. Eram mínimas. A primeira interrogação foi imediata: porquê três, se podíamos ir todos numa grande? Recebemos a primeira má notícia: cada grupo ia para um sítio diferente!

— O quê?! Mas os meus amigos estão nos outros grupos! — protestei, embora ninguém me tivesse ouvido, pois apercebemo-nos de que todos, sem exceção, tínhamos ficado separados dos amigos.

— Foi de propósito — sussurrou o Jaime, enquanto ia para a sua carrinha, longe de mim, longe do Paulo. Ou seja: o nosso grupinho fora desfeito de uma penada.

Entregaram-nos um papel qualquer que nem li. Atirei com a minha bagagem para dentro da barriga daquele miserável (para não dizer pior) transportador de amigos desgarrados. Fi-lo com fúria, e fui logo repreendido pelo meu pai. Nem pedi desculpa, estava fora de mim.

O meu grupo, o B, tinha os professores Duarte e Jacinta, que até são simpáticos: ele,

de Português, dá-nos sempre textos incríveis para ler e escrever; ela, de Educação Física, com medalhas conquistadas no corta-mato e tudo, acha que todos somos potenciais atletas da vida. Nessa parte, tive sorte. Os colegas, bem, a esses nem os conheço como deve ser. A Juliana é uma infeliz a quem chamam, aí umas trezentas mil vezes por dia, *sopa*; o Gonçalo vive para os computadores; a Alexandra e a Susana são inimigas, mas acho que ninguém sabe porquê; o Martim e o Constantino são como a água e o azeite, só num planeta deserto seriam capazes de falar um com o outro. E falta a Bárbara, esqueci-me dela. Aliás, toda a gente se esquece dela, porque nunca fala, nunca partilha uma opinião, parece que está sempre a pensar numa outra coisa, não sei, não a entendo. Bonito serviço, pais e escola, bonito serviço!

Estou a exagerar? Não, acreditem, não estou. E o pior é que o incrível drama não acabou aqui.

Já todos sentadinhos nos lugares daquela caixa de fósforos, conduzida pelo senhor Pereira, que já é mesmo um senhor, daqueles à beira da reforma, a coisa complicou-se. Ainda parados, os pais todos no passeio, amontoados perto da carrinha dos filhos, a preparar um aceno foleiro

de «portem-se bem!», deram-nos a machadada final. Vimos o professor Duarte puxar de um saco de pano, podia ser um saco de pão, e pedir-nos que desligássemos os telemóveis e os puséssemos lá dentro.

— Eu não dou o meu — avisou o Gonçalo, apercebendo-se de imediato dos gestos dos pais cá fora, pedindo-lhe que não fizesse cenas.

Aquilo fora combinado com as famílias! Que grande esquema! Só faltava mais isto! Íamos com não-amigos, órfãos de tecnologia, e os nossos pais sabiam disto, tinham conspirado nas nossas costas e, pior ainda, concordavam com aquela ideia!

— Todos os dias, a uma hora que combinámos, vão poder ligar os telemóveis e usá-los durante meia hora. Ligam a quem vos apetecer, veem as redes sociais e os emails que precisarem, são livres de os usar como quiserem durante esse tempo — explicou a professora Jacinta. — Não é o fim do mundo. Vá lá, não façam fitas!

— Meia hora não dá para nada — queixou-se a Bárbara, sem grande convicção, pois já tínhamos percebido que iam ser os cinco dias mais esquisitos das nossas vidas.

— Dá, dá, dá para muito — reforçou o professor Duarte. — Vais ver como chega e sobra!

Sem combinarmos, amuámos todos quase em simultâneo. Nem acenámos à família, sabíamos que estavam a par de tudo: grupos, carrinhas, telemóveis e mais coisas, de que começávamos já a ter medo, mesmo não sabendo o que aí vinha. Arrancámos. Presos. Desesperados. E muito, mesmo muito!, irritados.



— Meia hora não dá para nada — queixei-me, porque me pareceu que todos pensávamos isso mesmo.

Como sempre, ninguém me apoiou, mas já estava habituada. Sentia que não existia para aqueles meus colegas. Era invisível, ou transparente, ou qualquer coisa assim desse género.

De quem era a culpa? Minha, disso tinha consciência. Não cheguei à turma no início do ano — vim a meio de fevereiro, apanhei o comboio em andamento, como diz a minha avó, e sempre tive dificuldade em criar amizades.

Ser boa aluna, apesar de ter perdido o primeiro período todo, deixou-me logo em maus lençóis. Podia explicar-lhes que, enquanto estive internada e na convalescença, a minha avó me foi pondo a par da matéria. Tem muito jeito para ensinar! Às vezes penso que gostava de ser assim, e também de ser uma professora de quem os alunos gostassem.

Mas, nesta nova escola, era uma estranha. Não era a minha turma, ninguém me conhecia. Contudo, fui eu que pedi para mudar de escola, ninguém me obrigou. Achei que não ia conseguir voltar ao sítio onde, estando no passeio, um carro desgovernado me partira uma perna e um braço. O condutor não teve culpa, pois o carro ficou sem travões. E tive sorte, como diz a minha avó, porque só me apanhou de raspão. Tudo muito bonito, mas não me esquecia do acidente, do hospital e da operação à perna, e não conseguiria continuar naquela escola, indo por aquele passeio todos os dias, para lá e para cá. Ficaria maluca, achava eu.

Como não queria que os outros me vissem a ser simpática, fiz um ligeiro aceno aos meus pais e à avó. Podia ler-lhes na expressão do rosto

como andavam preocupados, talvez estivessem um pouco aflitos por causa da recuperação da perna. Eu não estava angustiada com isso e iria ter muito cuidado, como lhes dissera na véspera.

Quando a carrinha arrancou, o silêncio quase doía. Os professores deixaram de insistir em conversar connosco — éramos umas estátuas mal-encaradas, cheias de raivinhas múltiplas. Só me chateei de verdade com os telemóveis porque me sentia um pouco à deriva. Os outros tinham mais razões para estar zangados, porque os amigos foram intencionalmente separados. Eu, naquela turma, não tinha amigos.

Nós rumávamos à serra da Lousã. Ficaríamos alojados num parque de campismo e a minicarrinha deixar-nos-ia sempre muito perto da floresta. Era o fim de abril de um 8.º ano bastante pacífico: não houvera peripécias chatas na turma, ninguém iria reprovar, achava eu. Como faltava ainda muito para as milhentas coisas que íamos ter no final do ano, relacionadas com montes de atividades — Música, Inglês, Judo, sei lá mais o quê —, aquela viagem seria isso mesmo: uma coisa fora das aulas, da preocupação com as notas, das rotinas. Éramos dez pessoas,

onze, com o senhor Pereira, e, durante aqueles cinco dias, íamos estar longe dos outros colegas, de casa e dos nossos telemóveis, ou seja, longe de tudo.

Só lhes reconheci uma coisa boa: o terem guardado tudo num saco de pano, quase igual aos que eu costumava fazer com a avó a partir de camisas velhas. Lá em casa, levava-se muito a sério a redução do plástico no dia a dia, e todos os panos se aproveitavam. Íamos às compras sem sacos poluidores, fazíamos a nossa parte para limpar o planeta. Portanto, o saco feito à mão sempre fora algo, para mim, familiar. O resto, bem, logo se veria.



Nem queria acreditar: íamos ficar naquele sítio?! Custava-me um pouco aceitar a ideia. O espaço até era fixe e arejado, tudo verde à volta, montes de pessoas simpáticas. Eu até acharia graça a uma tenda, ou algo assim, mas uma casa de madeira?! Não estaria cheia de aranhas e cobras?! Fui logo gozado pelo professor Duarte, que

acabara de nos dar autorização para o tratarmos só pelo nome. Disse que não deveria ter medo dos bichos. Eles é que tinham medo de nós, que somos enormes. Podia ter voltado a amuar, mas disfarcei, não queria parecer medricas à frente dos outros.

O nome do parque era do melhor: Serpins Camping. Claro que, assim que comentei para o lado que Serpins (dei um sotaque inglês) era um nome fino, a senhora que nos recebeu explicou a origem do nome e do parque, fartou-se de falar das praias fluviais (e essa parte interessou-me logo um pouco mais) e de mais um montão de coisas. Afinal, Serpins é mesmo português e eu sou mesmo estúpido. Duas conclusões interessantes. Fiquei a ouvir a palavra em inglês durante umas horas, e nunca dita por mim, como é óbvio — tenho colegas de martírio fantásticos...

Quartos para cinco ou seis? Claro, era isso, o professor Duarte iria ficar a dormir connosco, rapazes, e a professora Jacinta, com as raparigas. Só o senhor Pereira tivera direito a um quarto individual, mas se calhar era melhor, porque os adultos mais velhos devem rressonar bastante.

Percebia-se como tinham tudo previsto. Iriam ser cinco dias de rédea curta, como se fosse preciso, pois eu nunca faria grandes aventuras com não-amigos. Por isso, não pude revirar os olhos em reprovação, pois nenhum deles me iria entender.

Chamados a toque de caixa para o almoço, aí fomos nós. A Jacinta (ainda me custava tratá-la só assim pelo nome) disse que iríamos comer «cabra-velha», e todos pensámos que era para nos assustar. Mas era mesmo verdade! O prato chamava-se chanfana, e o cozinheiro lá do restaurante onde iríamos ter sempre as nossas refeições explicou que as tais cabras mais velhas deixavam de ser úteis no rebanho e eram abatidas para alimentar as pessoas das aldeias. Imaginámos logo uma carne rija e horrorosa, mas não era. Trouxeram-na em caçoilas (é o nome do recipiente de barro, aprendi essa palavra também) e estava deliciosa! Como era o almoço de boas-vindas, comemos tigelada, servida, como o nome indica, numa tigela de barro. Já conhecia e adoro, mas não deu para repetir. Os doces, explicou a Jacinta, iam ser racionados, não precisávamos deles.

— Pois, pois, que ideias fantásticas — disse com ironia o Gonçalo, que devia gostar muito

de comer. — Sem telemóveis nem doces, isto vai ser tão divertido...

— Vai, acredita que sim — avançou o Duarte, todo feliz. — Nunca mais se vão esquecer destes dias. Nós prometemos fazer desta viagem uma coisa do outro mundo.

— Já está a ser — resmungou a Alexandra, pondo (que estranho) a Susana a rir. Agora eram amiguinhas?! — O que vamos fazer esta tarde? Está um bocado de calor.

— Começamos por fazer as camas — explicou a Jacinta.

— Não estão feitas?!

Nem queria acreditar. Tinha de fazer a minha cama? Aquilo não era uma espécie de hotel?!

— Pedimos que não as fizessem. É simples e será muito bom para a vossa autonomia.

Se a dose de chanfana e de tigelada não tivesse sido racionada, nem nos conseguiríamos dobrar. Assim, foi possível. Nada divertido, mas possível, só isso.

— Ricardo, é assim? — pediu o Gonçalo.

— Não, estás com o lençol atravessado. Ajuda-me aqui, que eu depois ajudo-te a fazer a tua. Nunca fizeste uma cama?

— Eu?! Não!

— Em minha casa, estarias de castigo — agradeceu o Constantino, que se desenvencilhou sozinho e muito bem daquela tarefa. — Nem sabes cozinhar?

Assustei-me, pois a pergunta era dirigida ao Gonçalo, mas eu não sabia fazer mais do que ovos mexidos e arroz de salsichas ou de atum. Cruzei o olhar com o Martim, percebi que já éramos dois. Afinal, éramos três. O geniozinho dos computadores atrapalhou-se a tentar justificar a sua falta de experiência e o Duarte deu-lhe uma palmada leve no ombro, como quem diz: «E se não te enterrasses ainda mais?» Acabámos os cinco a rir. Não, rimos os seis, que o senhor Pereira veio ajudar na batalha dos lençóis.

Tivemos de arrumar as roupas nos armários, que eu inspecionei com muito cuidado, não fosse haver lá aranhas e cobras, e pusemos, na casa de banho, as nossas coisas alinhadas. A tropa seria assim? Não, aquilo não era nada mau, mas eu ainda não me decidira a deixar de estar chateado com a viagem sem amigos e sem telemóveis.

Bárbara

Dava tudo para ver como estariam os rapazes a desenhencilhar-se com as camas e as roupas, mas não disse nada. Falo pouco, sou assim, não há volta a dar. Não, tenho medo de falar demais. Não, não, também não é isso. Não sei bem, talvez seja mais isso.

Encontrámo-nos à porta do parque de campismo. Íamos animados, com as toalhas de praia e os fatos de banho vestidos. Não andaríamos muito de carrinha, avisaram-nos logo. O senhor Pereira merecia descanso e a distância era muito curta. Balelas!

A praia fluvial ficava a uns 15 minutos dali, o passeio a pé iria fazer-nos muito bem. Ora, aquilo dito pela Jacinta não era uma boa notícia. Quinze minutos para ela deveriam ser 40 para nós, meninos de cidade, com excesso de peso, cérebro de açúcar e défice de músculo, mas ninguém se atreveu a comentar nada.

Caminhávamos sozinhos, cada um por si. Só os professores iam à conversa. A Jacinta devia ter mais uns 20 anos do que o Duarte, pensei; de outra forma, não largaria as medalhas para

aturar miúdos à beira do 9.º ano, cheios de manias e de respostas tortas. Volta e meia, olhavam para o grupo e lançavam uma frase encorajadora, mas estávamos todos a pensar que nunca mais lá chegávamos, que o suor a escorrer dos cabelos era uma tortura e que o regresso iria ser bem pior.

E o grupo A, ficara também perto de um rio? E o C? Se calhar, sim. Estaríamos na mesma serra? E por que raio pensava eu nisso, se estava preso ali em Serpins? Acelerei o passo e colei-me aos professores.

— Já sabes, Bárbara, quando a perna te incomodar, avisa-me logo — repetiu a Jacinta, com um sorriso simpático. — Falei com os teus pais e eles disseram-me que o teu fisioterapeuta acha que estás em condições de acompanhar tudo o que programámos fazer, mas tu é que saberás como te sentes durante estes dias. Informa-me se sentires dores, combinado?

— Sim, obrigada. E o que foi que pensaram para nós?

— Boa tentativa, Bárbara, muito boa tentativa — brincou o Duarte —, mas não vamos dizer.

Sorri e encolhi os ombros. Fui atrasando o passo para me juntar aos outros, não queria

parecer mimada. Chegámos à praia fluvial às 16h00 em ponto. O sol ainda aquecia bem, o vento mantinha-se seco, os dias pareciam ter sido encomendados para nós. Fui das primeiras a mergulhar. Havia uns desconfiados com o fundo do rio, que não se via, mas eu estava habituada a nadar em água doce. Não se boiava como no mar, e era preciso muito cuidado com a corrente, quando se nadava num rio; as explicações do Duarte haviam sido preciosas. Porém, as praias fluviais tinham açudes, ou seja, eram partes protegidas da corrente do rio, e em nada se comparavam a entrar numa qualquer outra parte de um rio.

— Bárbara, ajudas-me? — Virei a cabeça. A Juliana estendia a mão para mim. — Tenho medo de entrar...

— Segura aqui. Não te assustes, é muito bom.

— Ui, está fria! Isto são peixes?!

Um cardume passava mesmo perto de nós.

— Não te mexas — pedi-lhe. — Que giros.

— Não são piranhas, pois não?

— Piranhas em Portugal? Ouviste isso onde?

No *Fake News*?

— Juras que não são? Não me vão morder?

— Claro que não. Nadamos um pouco?

Fomos até ao pontão dos barcos e voltámos para trás. A Juliana não nadava depressa, mas tinha um estilo incrível. Perguntei-lhe se me podia ensinar a nadar assim. Ficou toda entusiasmada. Depois percebi: nada muito depressa quando quer! Numa competição com o Martim, deixou-o para trás em poucos segundos. Ele não gostou da brincadeira, e isso foi mesmo engraçado.

— Os rapazes têm a mania que nós não fazemos nada de jeito no desporto — comentei com a Juliana.

— Não é verdade — corrigiu a Jacinta. — A sociedade é que gosta de dizer que os rapazes fazem umas coisas e as raparigas, outras. Depois vai ficando essa ideia, mas é uma coisa que podemos mudar. Aqui somos todos iguais. Concordam?

Claro que concordávamos! Íamos lá contrariar a Jacinta! E fazia sentido. De facto, fazia.



O grande momento do dia: o regresso dos telemóveis!

Todos de banho tomado, com as toalhas a secar na corda, cheios de fome e cansados da caminhada — sim, porque regressar da praia foi terrível —, e tinha chegado o momento de ligar aos pais ou a quem quiséssemos.

Iam saindo do saco de pano, voando à pressa para as mãos dos donos. Cada um ligou o seu e constatou que a rede era muito fraquinha. Se ligássemos a Internet todos no mesmo instante, ainda dava asneira, pensei. Mas, que diabo, era só meia hora, tinha de aproveitar.

Os meus pais disseram as frases do costume, que se dividem em repetições de recomendações que já ouvi, conselhos de que não preciso e uns «fantástico» e «excelente» para comentar as novidades do dia. Os meus pais são bastante previsíveis. Depois mandei uma mensagem à minha namorada (esperava que ainda fosse minha, pois foi no grupo C com outros rapazes) e ela respondeu logo. Constatação 1: até as horas para ligar os telemóveis foram pensadas em conjunto! Constatação 2: estava perto de outro rio, numa outra serra, e os quartos tinham montes de formigas, mas o tempo não dava para ir nadar, tinham nevoeiro por todo o lado. Constatação 3:

eu estava melhor do que ela! Constatação 4: meia hora passava a correr e os telemóveis voltavam já, mudos e desligados, para o saco de pano foleiro. Nada bom...

Depois do jantar, começou outro filme. Íamos jogar cartas em grupos de cinco, com um jogo inventado por alguém que devia ter muitos amigos. O pior era a divisão: em cada grupo havia dois rapazes e duas raparigas, mais um professor. O senhor Pereira estava a ler o jornal. Como jogariam os nossos professores? Só esperava que fossem bons.

As regras eram bastante malucas. Aquilo parecia muito trabalhoso, mas divertido. «Sueca de cinco» ou «sueca italiana», como queiram chamar-lhe, avisou o Duarte. Nunca se sabia quem seria o nosso parceiro, pois isso seria segredo até aparecer a carta pedida por quem apostava mais forte. Confuso? Procurem as regras! O que nós nos rimos! Enquanto não sabíamos nada acerca do par conspirador, fazíamos alianças que depois só prejudicavam os adversários que sobravam ou os parceiros apostadores. O tempo voou.

Descobrimos que a Susana era impenetrável, nunca percebíamos de que lado estava, e quando

finalmente atinávamos com a coisa, tínhamos sido todos aldrabados. Só se ria no fim, quando voltávamos a baralhar as cartas. O Duarte revelou-se um trapalhão desatento, e ficar com ele como parceiro era morte certa. E eu que julgava que os professores eram todos muito esper-tos! Ou estaria só a gozar connosco? Às tantas... Já nada me surpreenderia.

Quando disseram que tínhamos de ir dormir, choveram protestos. Queríamos só mais um jogo, e depois mais outro, e acabámos todos a adormecer sem dar por isso em dois segundos. Ninguém se lembraria, no dia seguinte, de ter demorado tempo a começar a sonhar. Estávamos estafados.

Estafados? Aquele fora o dia mais leve dos cinco, mas nada sabíamos sobre isso. Nem a Jacinta e o Duarte. Ninguém sabia o que estava para acontecer. Mas uma coisa era certa: ninguém se esqueceria daqueles dias.

Crescer é um desafio enorme. Mas, às vezes, é difícil decidir que caminho devemos seguir. *A Escolha É Minha* é uma coleção sobre as opções que tens de tomar todos os dias, com histórias de vida contadas por jovens, tais como tu.

Esta história, *Sem Rede*, podia bem ser a tua ou, quem sabe, a de alguém que conheces.

Viajar com a turma toda ia ser espetacular! E foi por isso que a Bárbara e o Ricardo, assim como todos os outros colegas, nem queriam acreditar quando, no dia da partida, foram criados grupos, nos quais os amigos habituais foram propositadamente separados.

Cada grupo viajou na sua camioneta. Ficaram alojados em parques de campismo diferentes e os professores guardaram os telemóveis de todos. Que filme! Mas, ao chegarem ao destino, o cenário que lhes parecia «terrível» mudou. Tinham muito para fazer e aprender. E quando foram surpreendidos pelo perigo de um grande incêndio, a união entre eles revelou-se essencial para salvar vidas.

Uma história sobre a importância da entajuda e da esperança.

Lê os outros
títulos desta
coleção:




imagina descobre voa

20|20 editora

ISBN 978-989-707-617-6

11+



9 789897 076176

Literatura Juvenil